

Da Hidrologia Médica ao Turismo Balneário: apontamentos históricos entre 1894 e 1933.

JUSSARA MARQUES OLIVEIRA MARRICHI¹

O aparecimento da palavra “touriste” nas teses de hidrologia médica no século XIX:

Dos estudos médicos que surgem após 1839, data de publicação do relatório do médico italiano Vicente Moretti Foggia, somente em 1894 aparece a preocupação com um tipo em especial: o *touriste* brasileiro. Essa preocupação aparece no trabalho intitulado “Caxambu”, redigido pelo médico Henrique Monat. Sua trajetória inscreve-se em um dos dois caminhos comuns no final do século XIX para se chegar às fontes de águas medicinais. Recebida a notícia de águas consideradas “santas ou milagrosas”, os governos de cada região tratavam logo de encomendar trabalhos científicos que deveriam trazer informações sobre a descrição topográfica do território, a situação das pessoas afetadas pelas doenças comuns naquele período, as características das águas, a situação dos banhos e a comprovação ou não de que aquelas águas curavam. O outro caminho partia da própria curiosidade do médico que se dirigia aos locais de fontes e passava a estudar a ação química das águas sobre o organismo humano. Monat não havia feito diferente. Para divulgar os resultados clínicos obtidos com as águas de Caxambu, o médico procurou ser fiel: ouviu velhos moradores, consultou colegas, interrogou doentes, antigos frequentadores e aproveitou “todos os trabalhos publicados sobre o assumpto e documentos inéditos” (MONAT, 1894:I). Fez duras acusações sobre a localidade apontando que os mesmos vícios daquela cidade encontravam-se também no Rio, em São Paulo ou na Bahia. A primeira de suas críticas dizia respeito à destruição da vegetação em Caxambu, e fazendo uma comparação com Paris, o médico relatava de que maneira a conservação de um arbusto que havia nascido sobre o telhado da Grande Ópera articulava um forte debate na imprensa parisiense naquela época. Dizia o médico: “Oxalá as minhas críticas contribuam para o bem-estar dos *touristes* e doentes!” (MONAT, 1894:IV). Monat criticava o correio, “equiparado ao de um burgo” (MONAT, 1894:IV), os serviços prestados na estrada de ferro, as duas empresas que exploravam as águas em Caxambu, a venda de águas importadas nos hotéis de Baependi, a falta de fiscalização médica nas fontes medicinais, a venda livre da água medicinal e conseqüente

¹ *IFCH/UNICAMP. Turismóloga, Doutoranda em História. Bolsista Fapesp.

impunidade e a ausência de estudos sobre a composição do solo e das observações meteorológicas, fatores que em seu conjunto comprometiam o conforto dos doentes e dos “turistas” que de acordo com o médico, chegavam a Caxambu.

Anteriormente ao trabalho de H. Monat, os trabalhos científicos remetidos à Academia Nacional de Medicina (órgão consultivo dos governos das províncias e que refletia a opinião da medicina brasileira), diziam respeito somente à descoberta de “certas águas virtuosas” (PUPO, 1974:32), às comissões enviadas para examinar o assunto, à análise dos princípios constituintes das águas, à sugestão dessas águas para o tratamento de reumatismo, doenças venéreas, “morphea”, fertilidade e à limpeza dos terrenos adjacentes às fontes. Muitos também descreviam a situação dos doentes, das barracas e banheiras aonde se tomavam os banhos e reivindicavam os “melhoramentos”² indispensáveis a esses lugares, citando exemplos conhecidos da Europa. Mas Henrique Monat, titular da academia em 1882 e um dos fundadores da Sociedade de Medicina e Cirúrgica do Rio de Janeiro em 1886, ao descrever a paisagem, o meio físico e as condições sócio-econômicas de Caxambu, inaugura a partir do uso da palavra “touriste” a relação que poderia ser estabelecida entre cura medicinal e turismo nos locais de fontes minerais: “(...) dentro em breve Caxambu terá atingido o lugar que deve ocupar entre as cidades de águas mais célebres; rivalizará com Vichy, Carlsbad, Spa, Eaux, Bonnes, atraindo freqüentadores de todo o Brazil e do estrangeiro” (MONAT, 1894:23).

Evidentemente, o médico sabia a maneira a partir da qual essas cidades haviam conquistado fama no mundo ocidental. No caso francês, as cidades termais foram redescobertas quando a corte demonstrou imediato interesse em antigas estações termais logo no início do século XIX.³ Luchon, por exemplo, já no final de 1848 contava com um luxuoso estabelecimento de banhos construído pelo arquiteto Chambert e decorado com pinturas de Romain Cazes. Um grande cassino projetado

² No final do século XIX, e no caso das cidades termais, esses melhoramentos diziam respeito à construção de estabelecimentos de banhos e salas de inalações. Já no século XX passaram a significar um espaço urbano mais completo com a construção de cassinos, teatros, hotéis, praças e jardins, além de um estabelecimento balneário com as últimas novidades da ciência crenoterápica.

³ Em 1823 a duquesa de Berry e a duquesa de Angoulême passaram uma temporada em Saint-Sauver, atraindo primeiramente a atenção da própria corte e depois de doentes que passaram a fazer uso dessas águas nos Pirineus. Cf: Negrier. Histoire Du Bain, 2011.

pelo arquiteto Castex também embelezava a paisagem termal contribuindo para um aumento no número de visitantes naquele local. Já Vichy e Aix-les-Bains ganharam fama mundial pela qualidade dos bons divertimentos encontrados em seus espaços balneários: cassinos, concertos, teatros e, sobretudo as roletas representavam uma opção diferenciada para a alta sociedade que progressivamente engrandecia o nome dessas cidades em meados do século XIX.

No Brasil, já no período colonial as fontes consideradas medicinais eram mencionadas⁴. Posteriormente, e anterior a organização da Academia Nacional de Medicina, essas águas já haviam sido citadas desde 1749 num folheto impresso em Lisboa e reimpresso no Rio de Janeiro em 1820. Nesse folheto sobre as “curas prodigiosas” da Lagoa Santa (PUPO, 1974:35), o visconde de Porto Seguro afirmava o seu reconhecimento pelo doutor Simão Pereira de Castro e pelos físicos italianos Antonio Cialli e João Agostinho Guido de Gênova. “Com efeito, as curas obtidas tiveram repercussão na Europa. Para Lisboa, malgrado ser Portugal país rico de excelentes fontes minerais, foram as águas da Lagoa exportadas em barris”. (PUPO, 1974:35). Saint Hilaire na obra “Viagens às nascentes do rio São Francisco e à província de Goiás” em 1818 também registrou as utilidades que “poderiam ter aquelas águas para o tratamento de várias enfermidades, tais como reumatismo, dermatoses, doenças venéreas e outras” (PUPO, 1974:33). E ainda no início do século XIX as águas com valor medicinal também foram mencionadas pelo mineralogista Barão de Eschwege que em 1816 escreveu à Gazeta do Rio de Janeiro, “chamando atenção para as águas virtuosas de Araxá” (PUPO, 1974: 35).

Diante disso, Monat representa, portanto, um marco temporal importante para se pensar em uma organização da história das práticas termais no Brasil cuja relação a partir do seu ponto de vista foi de encontro ao surgimento do turismo em nosso país. Isso se explica, justamente porque é na sua obra que pela primeira vez, pós 1839, menciona-se a palavra *touriste*, num inédito relatório descritivo sobre a situação dessas pessoas que para o médico, oscilavam entre uma tênue definição

⁴ “No próprio primeiro século, perto de Salvador, “pela terra dentro duas léguas, tem os padres da companhia uma grossa fazenda com dois currais de vacas, em que a qual tem umas casas de refrigério, onde se vão recriar e convalescer das enfermidades, e levam a folgar os governadores; onde tem um jardim muito fresco, com formosos tanques de água, e uma ermida muito concertada, onde os padres quando lá estão dizem missa”. In: SOUZA, Gabriel Soares de. Tratado Descritivo do Brasil, 1587, p. 50 apud FILHO, Licurgo Santos, 1947:223.

de curistas e turistas no interior brasileiro no final do século XIX. Através de sua obra é possível perceber um ponto de vista particular sobre o deslocamento desses indivíduos, que na sua visão já deveria ser compreendido como parte de uma nova sensibilidade da época moderna. As viagens de cura também deveriam remeter às noções de paisagem, à percepção do corpo e à história da medicina e do pensamento científico em torno do termalismo, da mesma forma como já acontecia na Europa.

As viagens de cura:

No Brasil, o século XIX marca o início de um discurso científico que começa a se organizar em torno de águas consideradas medicinais. Os tratados e relatórios médicos que aparecem nesse período priorizam o estudo das águas a partir de sua composição química e mineralógica, da sua temperatura, cujo grau térmico⁵ das águas resultaria em “noções terapêuticas muito preciosas” (CAMINHOÁ, 1890:9) e também a partir da quantidade ou volume das águas que definiriam o uso externo em banhos e duchas nos locais apropriados para a prática da cura. Essas noções remetiam aos ensinamentos da hidrologia médica francesa, disciplina fundada no século XIX através de intensa observação clínica fortemente amparada por análises científicas. Foi precisamente na metade daquele século, que a Academia de Medicina de Paris, fundada em 1853 encorajou pesquisadores de todo o país ao estudo das águas medicinais dentro de um espírito científico. Comissões eram eleitas com o objetivo de proceder às análises das águas e de centralizar os resultados que deveriam ser apresentados anualmente aos médicos inspetores dos mananciais. Por outro lado, a Academia também era consultada a respeito de autorizações para a exploração das fontes, servindo de modelo a outras sociedades que começavam a fazer uso das águas como

⁵ Segundo Caminhoá, antes de 1890 acreditava-se em relação à temperatura das fontes que “as chamadas águas minerais quentes são as que oferecem uma temperatura muito elevada, entretanto dá-se em hidrologia esse qualificativo a qualquer água, cuja temperatura seja constantemente superior à do ambiente” Cf: Caminhoá, 1890:10. Já em 1890 as águas medicinais diante do grau de sua temperatura recebiam o nome de termais ou quentes, tépidas e frias.

medicamento na maior parte das capitais européias. Nesse cenário, dois nomes predominaram nos estudos referentes à hidrologia médica alcançando grande reputação entre seus pares. O primeiro, Michel Bertrand, foi médico-inspetor das águas de Mont-Dore e conselheiro da duquesa de Berri. Publicou em 1823 o livro *“Recherches sur les propriétés physiques, chimiques et médicales des eaux du Mont-d’Or”*. A obra desde então passou a ser considerada referência para todos os médicos que diariamente iam enriquecendo suas pesquisas sobre o modo de aplicação das águas medicinais. Outro estudioso que se consagrou nesse período foi o médico-inspetor da cidade termal de Vichy, Max Durand-Fardel. Ele foi responsável pela autoria de dois importantes tratados de hidrologia médica, publicados em 1860⁶ e em 1885, além de uma série de lições sobre *termalismo* professadas pela primeira vez na Faculdade de Medicina de Paris. Fundou em 1853 a primeira Sociedade de Hidrologia Médica na Europa. Já em 1896 criou o *Syndicat des Médecins des stations balnéaires et climatiques*, contribuindo largamente para atividades e congressos internacionais que versavam sobre os princípios dessa nova ciência onde a água tornava-se objeto e método de estudo como remédio para o corpo humano.

Dessa organização e circulação de saberes que chegou ao nosso país, a consequência mais importante e irrefutável do ponto de vista da organização desses espaços que se tornaram urbanos, foi certamente sua definição e consequente qualificação em cidades de águas⁷ termais. Os livros importados por aqueles que aqui estudavam a hidrologia médica utilizavam-se da expressão “villes d’eaux” para designar os vilarejos e as cidades que já possuíam habitações e infra-estrutura adequadas à exploração de uma ou várias fontes conhecidas por suas vertentes terapêuticas ou medicinais, como observado no caso francês por Roux (2008). Segundo tal autora, na França do século XVII e XVIII, antes dessa expressão utilizava-se apenas “aller aux eaux” ou “prendre les eaux”, situação inicial para as viagens temporárias em busca do remédio natural. Mas em nosso país, ir às águas ou tomar das águas em meados e final do século XIX configurava-se como um

⁶ **Dictionnaire general des eaux minérales de la France et de l’hydrologie médicale** (en collaboration avec MM. Lebret, Lefort et Jules François). 1860, 1 vol. In-8 de 1664 pages, couronné par l’Académie de médecine. In: FARDEL, 1873.

⁷ “Quem tem estado em cidades de águas na Europa conhece os fatos repetidos constantemente de curas admiráveis de varias moléstias mencionadas como incuráveis; grande número dos quais atestados por clinicos especilaistas, muitos de renome”. In: Caminhoá, 1890, p. 82.

processo bem inicial dessa relação do homem com o meio natural (por aqui, usava-se a expressão ir às caldas), e mais especificamente ao início de uma tentativa de organização desses eventos que diziam respeito ao uso das águas medicinais. Nas palavras de Caminhoá (1890), a hidrologia médica ainda estava no começo, afinal, clinicar, pesquisar e divulgar as propriedades curativas das águas limitava-se a um restrito grupo de médicos que acreditavam e enalteciam os seus valores curativos.

A apreensão do discurso médico francês aos contemporâneos brasileiros nesse período significava também a incorporação de uma prática de viagem operada no modo de se “fazer uma estação das águas”⁸ em solo brasileiro, com uma ressalva, porém: prática que só seria possível dada a materialização de uma *estação termal* em nosso país. O tempo das caldas e das águas minerais, momento entre a descoberta das águas quentes e do reconhecimento topográfico das fontes e da natureza de seus terrenos, marcava uma certa ruptura no interior dessa linguagem à exemplo das cidades de águas francesas que propagavam os efeitos civilizadores dessas águas sobre o espaço urbano, a arquitetura e os hábitos surgidos nos lugares onde se achavam as fontes com propriedades medicinais.

Há muito que em certas estações termaes submete-se os tuberculosos à prática das inalações dos vapores e dos gazes que desprendem-se das águas minerais. No Mont-Dore, onde esse tratamento foi instituído por Michel Bertrand, os doentes respiram em salas cheias de vapores comprimidos. A prática de Allevard consiste, pelo contrário, em fazer desprender a frio em salas para respiração, os gazes naturalmente contidos na água mineral. Depois que se conheceu a virulência da tuberculose, o ácido sulfídrico sendo o gaz mais importante dos que se escapam da água de Allevard, pretende-se que este gaz é o mais ativo dos anti-bacilares. (CAMINHOÁ, 1890: 72-73)

⁸ Ainda de acordo com Caminhoá, “época das águas”, período recomendado entre a primavera e o outono para se fazer uma cura. Na Europa, ainda em fins do século XIX recomendava-se uma estação com permanência de 30 a 40 dias. Com a intensificação dos estudos científicos, os médicos nos anos seguintes passam a recomendar a estação das águas de acordo com o tipo da moléstia, o intervalo entre períodos menstruais e o resultado clínico obtido ao final da segunda semana, fator que determinaria a permanência ou não dos curistas nas estações termais.

Portanto, a partir desse contexto histórico, cultural e social, as teses de hidrologia médica que começavam a se intensificar no Brasil reclamavam algumas regras de higiene, algumas considerações no modo de fazer uso das águas e principalmente a construção de estabelecimentos de banhos (ou termas) no interior do nosso país. O objetivo? Favorecer a cura e facilitar a permanência dos curistas durante a época do tratamento medicinal nas chamadas estações das águas. “As más installações que encontravam os doentes não lhes permittiam ficar na povoação senão poucos mezes no anno” (MONAT, 1894:19). Conseqüentemente a partir desse ponto, esses estudos falavam cada vez mais sobre uma circuncisão de hábitos⁹ que deveriam ser instituídos nos espaços onde se achavam as fontes medicinais. Apresentados pelos primeiros estudiosos da hidrologia médica, eles significavam a supressão ou o condicionamento das emoções humanas diante do poder simbólico dessas águas atrelado ao caráter científico encontrado nas prescrições que se seguiam. De maneira que no final do século XIX, o discurso estava organizado, contudo, faltava a esses espaços e a essas pessoas “todos os melhoramentos a fazer, de acordo com o que existe nas cidades similares do estrangeiro, estabelecimento de duchas, salas de inalações, etc” (MONAT, 1894:18).

Com isso pode-se afirmar que as viagens empregadas às fontes medicinais possuíam uma característica singular: o deslocamento desses indivíduos relacionava-se mais com o desejo de curar o próprio corpo do que o desejo e a curiosidade em conhecer algo novo. Essa curiosidade limitava-se aos médicos e seus estudos de hidrologia médica. As motivações desse deslocamento para o resto da sociedade, *as viagens de cura*, ou se preferirmos, *as viagens em busca da saúde* estabeleciam relações de subjetividade e doença com o próprio corpo que se transformariam ao longo dos anos seguintes. Dispépticos, reumáticos, anêmicos, pessoas com problemas renais, biliares e de vesícula, e também “senhoras que nunca tinham concebido” (MONAT, 1890:16) tinham razões de sobra para empreender uma viagem às águas. Seus motivos, bem particulares e distintos para cada tipo de doença e conseqüente aplicação das propriedades físicas e químicas das águas, os distanciavam

⁹ “Nas águas mineraes da Europa e principalmente da Alemanha, esta parte do tratamento é rigorosíssima, a ponto de haver hora certa para dormir, acordar, comer, passear, assistir aos concertos, havendo até muitas vezes a separação dos cônjuges” (CAMINHOÁ, 1890:15).

largamente do viajante citado por Furitière no final do século XVII.¹⁰ As dificuldades no acesso às cidades, a inexistência ou a péssima condição dos balneários construídos no final do século XIX, os hotéis de qualidade duvidosa, não impediam o deslocamento desses sujeitos que acreditavam e procuravam as fontes em nosso país. É claro que cada região teve suas particularidades quanto ao seu desenvolvimento econômico, mas de maneira geral, os lugares onde haviam fontes de águas consideradas medicinais ainda iniciavam seus passos rumo à formação de uma cidade termal no Brasil. Nos relatórios que se seguem, Monat nos dá a melhor informação:

Imagine-se como se pode circular à noite nas ruas da povoação, onde a iluminação publica é apenas ainda uma aspiração, ou melhor, uma recordação do passado, porque Caxambu já teve ruas iluminadas regularmente. Exceptuando à frente dos bilhares e dos hotéis, só se pode transitar à noite, riscando phosphoros para não cair-se em algum fosso, o que é muito freqüente (...) Algumas casas, principalmente os hotéis tem esgotos que desembocam no Bengo, mas tão rudimentares, que seus despejos ficam estagnados, exhalando emanações comparáveis às que se absorvem em Petrópolis. O aspecto junto a estas aberturas é repugnante, o cheiro atordoia a certas horas, principalmente, quando pela manhã o infeliz dispéptico dirige-se ao parque, em procura de oxigênio puro. (MONAT, 1890:28-36)

Assim, as denúncias que o médico apresentava em seu relatório deviam ser entendidas não só como um apelo às condições higiênicas da cidade, mas também como a ausência de vários fatores que deveriam concorrer para o sucesso das viagens de cura. Esses estudiosos tiveram papel primordial na maioria das decisões tomadas em se fazer uma viagem de cura tanto em nosso país como no território francês. As águas devidamente estudadas, catalogadas e comparadas, anexadas à qualidade do clima, à altitude e à temperatura ambiente definiam a preferência desses doutores na indicação de determinada estação termal. Contudo, a viagem só teria valor de cura se o curista se adequasse às chamadas regras de higiene, ao modo de fazer uso das águas e à terapêutica. Necessariamente nessa ordem, esses fatores criaram hábitos que construíram uma estratégia emocional de conhecimento e convencimento no uso das águas medicinais. Existem inúmeros

¹⁰ “Qui fait des voyages pour pure curiosité & qui en fait des relations”, apud ROUX, 2008, p.30.

exemplos retirados de teses médicas que revelam as rígidas prescrições médicas que eram impostas para àqueles que se dirigiam aos lugares de fontes medicinais. Por outro lado, demonstram como eram constituídas as redes de sociabilidade entre curistas que estavam nesses locais. A rotina termal era rígida. Os curistas possuíam hora para acordar, dormir, deitar, comer, tomar banhos, beber os copos de águas nas fontes, passear ao redor de praças e jardins, participar de reuniões festivas e nos casos mais extremos, até “separar-se dos cônjuges” (CAMINHOÁ, 1890:15). Contudo, era opinião comum entre eles a necessidade de se construir estabelecimentos termais para que as propriedades químicas e físicas das águas fossem melhor aproveitadas. Modernamente na Europa há tempos já se empregavam os vapores das águas nas inalações, os aposentos e as cabines de banho e tratamentos já eram construídas de acordo com as últimas regras de higiene e os curistas já possuíam um regime dietético adequado ao tipo de cada doença. Fazer a cura ou freqüentar uma estação de águas dependia em primeiro lugar também de tempo e dinheiro, devido aos altos custos da temporada das águas. Em nosso país, inicialmente os tratamentos duravam no mínimo vinte e um dias chegando a três ou quatro meses no máximo, época em que se fechavam as estações. Nesse período os curistas deveriam submeter-se a vinte e cinco ou trinta banhos intercalados com suadouros e obedecer às regras impostas pelo tratamento termal. Pode-se dizer com isso que foram essas indicações que iniciaram um processo mais amplo de ajustamento do espaço natural e físico da cidade às próprias emoções e pulsões daqueles curistas. A construção de espaços físicos apropriados a estas indicações obedeceu prioritariamente o tratamento terapêutico antes de qualquer pensamento que pudesse priorizar o próprio divertimento ou lazer daquelas pessoas. Desde muito, os médicos reclamavam para essas cidades divertimentos para os doentes, pois esquecer “a vida, a paixão, os amores, os negócios e os cuidados tristes” (CASTRO, 1841:40) também faziam parte da rotina medicinal imposta pelas águas nesse período. Ora, passear ao redor de quiosques de música após beber o primeiro copo de água, tomar um banho relaxante após a aplicação da injeção endovenosa e distrair-se em bailes e cassinos nada mais era do que requisitos essenciais para a prática da cura, segundo a hidrologia médica francesa. Para fazer uma estação das águas, era preciso antes de tudo adaptar-se ao ritmo e necessidades desse saber médico, controlando para isso suas próprias emoções, fossem elas o medo, a dor, o prazer ou o tédio gerado pelo convívio naqueles lugares.

Assim, a constituição de um espaço destinado a um tipo específico de pessoas era premente. Nesse momento, os curistas eram em maior número. Eram as expectativas dessas pessoas aliadas às expectativas de alguns poucos médicos que movimentavam esse saber direcionado pelas águas. Era preciso beneficiá-las, ou melhor, civilizá-las e modernizá-las, pois só assim abrir-se-ia um horizonte de expectativas para esses dois grupos de pessoas citados a pouco. Por outro lado, esse novo tempo indicava uma reivindicação qualitativa, “a de ser novo no sentido de inteiramente diferente, ou até mesmo melhor, do que o tempo anterior” (KOSELLECK, 2006:274). Por mais, que os dois balneários existentes na cidade de Poços de Caldas¹¹ (e em outras cidades do interior mineiro) cumprissem uma certa função de local apropriado para a cura, eles não significavam o modelo ideal de uma cidade das águas européias, afinal, suas banheiras inauguradas em 1886 e 1893 eram feitas de cimento para as “pessoas de primeira classe”, e de madeira para as “pessoas de segunda classe”. Nesse momento, *balneário*, referia-se a um lugar específico onde se tomavam banhos de águas termais. Eles estavam localizados dentro de uma cidade que ainda não era e não podia ser considerada balneária. Portanto, na ordem física e sensível das palavras, a proposta era transformar esses lugares em *cidades de águas ou cidades termais*, a exemplo do que já acontecia na Europa. Era preciso transformar aquela paisagem em uma categoria do discurso apreensível pelas emoções, experiências e novas sensibilidades daqueles curistas. A paisagem das caldas e das águas minerais precisava ser nomeada de maneira a estabelecer um novo horizonte de expectativas para aqueles que a procuravam e para aqueles que ali investiam seus desejos de ordem política, econômica ou social.

Nesse sentido, considero esses exemplos importantes para demonstrar de que maneira a hidrologia médica teve papel primordial na instituição das viagens de cura em nosso país. Ao denunciar as péssimas condições de higiene e a inexistência dos equipamentos que deveriam compor uma cidade termal, esses médicos escreveram sobre características próprias de um espaço diferenciado que promoveu a evolução dessas viagens no Brasil. E H. Monat, pioneiro ao usar o termo “touriste” abriu uma chave interessante para se pensar nas características e evolução das viagens por motivo de saúde em nosso país no final do século XIX, evidenciando noções de

¹¹ Cidade que alcança fama rapidamente no início do século XX devido às suas águas termais.

modernidade e novas sensibilidades que já deveriam estar presentes na recepção e hospedagem desses curistas que cruzavam o interior brasileiro.

Das viagens de sociedade ao início das viagens balneárias:

De Antero Pedreira à Senhora Dona Lúcia

Goldschmidt de Resende

Petrópolis

Dona Lúcia, minha tão ilustre amiga

Enfim! Começou a “grande semana”, como eles dizem estrangeiramente, dando a Poços um ar de Deauville da montanha. A “grande semana” é elástica. Este ano começou bem uma semana antes. Por quê? Não sei bem. Mas tudo assim o indica: as pérolas de Dona Maria de Albuquerque, o escandaloso decote de Miss Wright, a arrogância de Dona Eufrosina de Machado, o crescente assanhamento da numerosa família Araújo Silva. Nestas “paradas” cada um retoma o seu lugar. É uma questão de disciplina. Desde que se trata de parada, instintivamente forma-se a fileira.

Mas não é só isso. Há provas mais patentes. Os magros cavalos de aluguer aumentaram de preço, as charrettes e as “cestas” dão uma hora quase pelo seu próprio custo, os mendigos surgem de todos os cantos e os hotéis regurgitam, desde o civilista Globo (os hotéis aqui são políticos e no Globo escapou de morrer o imortal Rui) até o venerável da Empresa.

No nosso caravansérail¹² a agitação é enorme. (...)

Essas provas de que começou adiantada a “grande semana” foram crescendo de número. Por exemplo: ao jantar, os smokings resolveram aparecer. Em seguida ao almoço, as senhoras arvoram grandes toilettes de passeio e jóias. Depois – coisa que causou admiração! – afluem os “encantadores” do Rio e de São Paulo, esses meninos dos dezessete aos quarenta anos, que vestem com elegância exagerada, são dados a esportes, montam, jogam o pingue-pongue e o bridge, andam com os

¹² Segundo, Alexandre Eulálio, preparador do texto de João do Rio, 3ª edição de 1992, “caravançá”, em francês (do persa *quaruum* + *carai*: “abrigo de caravanas”). No jargão mundano da época significava lugar cosmopolita (Micro Robert, Dictionnaire du français primordial). In: RIO, João do. 1925, p. 125

desenhos do Sem, falam francês e têm sempre um ar muito superior. Está o Olivério, está o Guimarães, está o Flávio – rapazes que eu contava em Petrópolis. Numa das últimas levas, em que apareceram quatro paulistas, educados em Londres (segundo eles dizem), apareceu mesmo um jovem de fisionomia estrangeira, servido ao jantar com especial deferência pelos criados. Mas misantropo – porque não se dá com pessoa alguma. Indaguei a Dona Maria, excelente almanaque. Não o conhecia. Tive vergonha de perguntar aos outros. Hoje, porém, rebentou a notícia que abre a “grande semana”: em comboio especial chega amanhã a família da Marquesa-Viúva da Luz. Os criados não se contêm:

- V. Ex.^a já sabe? Chega amanhã a Marquesa da Luz! (RIO, 1925: 29-31)

Nas primeiras décadas do século XX, algumas cidades de águas brasileiras, entre elas Poços de Caldas e São Lourenço adquiriram uma qualidade peculiar: tornaram-se figurações sociais (ELIAS, 2001) singulares em cujos espaços encontrava-se uma forma de sociabilidade particular. Conforme mencionado anteriormente, as viagens de cura não eram situações fáceis de enfrentar, e além do mais, permanecer de 15 a 40 dias numa cidade das águas exigia muitos recursos financeiros. Monat, em certo momento do seu relatório descreve um comportamento mais exigente por parte da clientela que chegava do Rio, “razão por que é no hotel da Empreza e no Silva que se encontra melhor cosinha” (MONAT, 1890:41).

Peixes, legumes frescos, frutas e bons colchões eram críticas constantes feitas aos hoteleiros de Caxambu. Já em Poços de Caldas, “além da variedade de petiscos que aqui se encontra, existe também excelente sortimento de vinhos e outras bebidas” (Correio de Poços, 1891) que satisfaziam o espírito da clientela mais exigente. Esses exemplos, por hora nos bastam para demonstrar que as cidades de águas, após afirmação dessa categoria qualitativa na imprensa, recebiam em sua maioria, integrantes de uma classe aristocrática do nosso país, com hábitos e gostos condizentes com sua posição social. Essa imagem de lugar “bem freqüentado” também era reflexo das idéias propagadas pelos médicos que liam e viam imagens das cidades termais européias. Na França, de acordo com Roux (2008), desde a segunda metade do século XVII a corte francesa tinha sido a grande promotora das viagens às águas.

Em 1902, ao viajar para a Europa para conhecer os centros hidroterápicos, a pedido de Campos Salles, Pedro Sanches de Lemos, médico que clinicava na cidade de Poços de Caldas observava:

E tudo se fez ao som da musica, tocada por orquestras admiráveis, compostas pelo menos de cinqüenta professores, em meio do luxo, da riqueza, das arvores, da relva, das flores, das mais lindas mulheres do mundo, que espalham ao redor de si a graça e os mais delicados perfumes, de modo que o banhista perde sem sentir, embalado pelo som de uma musica celestial e, transportado para um mundo de sonhos e encantamentos sem fim. A estação balnear de Vichy é uma festa que se não acaba mais, e a vida maravilhosa daquelle arrebatador canto do planeta, póde auxiliar ou atrapalhar a ação terapeutica das milagrosas águas, si o banhista não ficar com o prumo na mão. (LEMOS, 1902:133)

Anos mais tarde, Carlos da Maia em 1925, retratou bem o cotidiano desse lugar e as variadas formas de sociabilidade cultural encontradas em uma cidade das águas. O seu livro de crônicas escrito naquele ano é repleto de anúncios de cassinos e clubes que davam o tom à temporada. Ainda que a vida social fosse intensa, o escritor é unânime ao atestar as péssimas condições urbanísticas de Poços de Caldas: ruas sem calçamento, jardins públicos onde crescia o mato nos canteiros abandonados, banheiras de cimento e já muito gastas pelo uso prolongado. Os grandes hotéis, “negação do bom gosto” (MAIA, 1925:30) eram os edifícios para onde afluíam todos os anos milhares de hóspedes tomando-lhes inteiramente os quartos. Interessante observar que as impressões de viagem desse escritor, as impressões de viagens de visitantes encontradas nos jornais locais pesquisados e até mesmo na “Correspondência” de João do Rio, não condiziam em nada com os anúncios propagados nos meios de comunicação da época¹³. Durante o decorrer dos

¹³ “Poços de Caldas – estado de Minas Geraes (Via Rio ou Santos) – Estância balneária e climaterica – altitude 1200 metros – Clima saluberrimo, águas sulphurosas para banhos, agua potável de 1ª ordem. **A SUÍSSA BRASILEIRA.** Aguas quentes naturaes com 48°; milagrosas na cura de todas as moléstias da pelle, rheumatismo, intestinos e intoxicações, etc. Estabelecimento balnear modelar com 120 banheiras, banhos imersão, duchas frias e quentes, banhos de luxo, luz e vapor, salão de gymnastica, aparelhos para lavagens nasaes, pulverização e inalações, consultório medico. **Poços está ligado a São Paulo e Rio pelo telephone. GRAND HOTEL – HOTEL EMPRESA – HOTEL MODERNO – PALACE HOTEL** – Únicos com banhos sulphurosos no próprio hotel e propriedade da Cia. **MELHORAMENTOS DE POÇOS DE CALDAS.** Para mais informações queiram dirigir-se a Poços de Caldas ou ao escritório em SÃO PAULO, á rua S.BENTO, 29, sobrado.” In: MAIA, Op.cit.p.06

anos vinte, Poços de Caldas enquanto cidade de cura era muito mais presente na vontade e força daqueles médicos que ainda lutavam pelo sonho de uma estação balneária no Brasil do que propriamente na experiência vivida daqueles curistas. Mas havia uma certeza nisso tudo. As viagens de cura, diferentemente do século anterior, pois já não havia tanta rigidez no controle médico das prescrições, agora nos anos de 1920 já eram vistas e entendidas como as viagens de sociedade, momento específico em que seus pares se reconheciam ou excluía pessoas de um mesmo grupo social diante das formas de sociabilidade criadas no interior da estação termal. “Não há conforto, há a nossa sociedade” (RIO, 1925:35). Os jornais já divulgavam que a estação das águas que começava em março havia instituído mania de “estação elegante” (Jornal Vida Social, 1926). Desse modo, havia uma nova temporalidade no ar: a estratégia médica que divulgava as propriedades químicas e físicas das águas e que representava as viagens de cura, dividia espaço e expectativas com a estação termal real. Esta, com espaços apropriados para a recepção de curistas e veranistas, com uma economia que sobrevivia dos recursos deixados por esses indivíduos e dos melhoramentos que ainda estavam por vir e que eram pensados para o bem-estar e conforto desses visitantes, não tinha como subtrair a socialização da cura do próprio sentido da viagem. A viagem em si, com seus movimentos de chegadas e partidas nas estações das águas tornou-se uma característica própria da cidade termal que definia o ritmo de suas atividades de acordo com as atividades desenvolvidas e vivenciadas por veranistas e curistas em seus espaços coletivos. A sua ambivalência de lugar de cura matizado em torno de um discurso científico que contava com os divertimentos típicos para o esquecimento dos “cuidados tristes” fez da cidade termal lugar de villegiatura onde predominou consequentemente a imagem do prazer.

A partir do ano de 1931, com a total reformulação do primeiro espaço balneário construído na América Latina¹⁴, as estações das águas ficaram definitivamente associadas a momentos de grandes festas, concertos, soirées e competições esportivas. Por isso, após a noticiada divulgação da abertura das solenidades de inauguração das novas thermas no Brasil, a antiga cidade termal cujo espaço urbano não comportava as diretrizes recomendadas pelos maiores especialistas termais da França, reaparece modificada com todas as exigências estipuladas para satisfazer o espírito

¹⁴ Poços de Caldas.

moderno burguês. No folheto publicitário da clínica do Dr. Mário Mourão, vemos a descrição do Palace Hotel, das thermas e da vida urbana. No hotel, “hospedagem exclusiva da elite”, “conforto e elegância social”. Nas thermas “um dos melhores balneários do mundo”, “banhos sulfurosos e ducha de toda a natureza” e “embelezamento da cútis por pulverizações sulfurosas”.

Aos nossos olhos pode parecer estranho ver associada à propaganda de uma clínica médica elementos descritivos de hotéis, lazeres e espaços públicos destinados ao repouso e à diversão de pessoas. No entanto, no início da década de 1930 essa propaganda tornava-se cada vez mais freqüente e insistente aos olhos de curistas e veranistas. E existem duas razões especiais para isso. Historicamente, essa divulgação acompanha as descrições das cidades termais francesas divulgadas nos anais de medicina e nos livros sobre hidrologia médica daquele país. Por outro lado, elas tentam a todo custo divulgar a remodelação do espaço balneário de Poços de Caldas que teria como finalidade maior “o alívio à humanidade sofredora”. (Jornal Folha da Manhã, 10/03/1931). Contudo, esse sofrimento a partir de agora, não se resume somente à aparência de um corpo humano coberto de chagas e úlceras. Pelo contrário, ele passa a abrigar nomes importantes da política nacional e sul-americana, artistas de *troupes* famosas, “touristes” em férias e ricos da capital e do interior ávidos por repousarem ou prontos para fazer a villegiatura de verão nesse lugar. Essas viagens passam a ser definidas e procuradas também pelo bom gosto e luxo dos espaços destinados às novas práticas de cura, prevenção, beleza e atenção consigo mesmo. Os espaços balneários que são construídos ou reformulados no Brasil nesse período têm por objetivo envolver psicologicamente o curista, o veranista e o *touriste em férias* a partir de aspectos visuais que nada deveriam lembrar a sisudez dos antigos balneários. Os locais destinados às novas invenções de uso da água termal revestem-se de um gosto refinado, aliado ao luxo e comodidade que de certo esperavam os burgueses em villegiatura. No novo estabelecimento termal os cuidados com o corpo ainda dividiam espaço com técnicas da medicina termal: duchas que agiam diretamente sobre a pele e mucosas, e duchas submarinas e ginecológicas com um aparelhamento especial colocado em banheiros especiais longe dos olhos dos veranistas. Para os que estavam em villegiatura, desfrutando dos dias de repouso e atenção consigo mesmo, uma rotina que se dividia entre o uso dos banhos sedativos, do tratamento de pele, do embelezamento das unhas e cabelos nos salões do

Palace Hotel, das competições esportivas nos campos de golf e tênis da cidade, dos jantares e bailes permitidos somente para a elite brasileira e poços-caldense que recebia nos salões do grande cassino e do Palace Hotel a comitiva sempre presente de Getúlio Vargas e esposa.

Sendo assim, pode-se concluir que os hábitos das viagens de cura transformaram-se a partir de uma série de noções relacionadas à percepção do corpo, aos conceitos de doenças e bem-estar, às novas sensibilidades que foram surgindo ao longo dos anos e também a uma série de exigências capazes de tornar a cidade termal (e logo após, a cidade balneária) uma etapa obrigatória do itinerário sentimental, essencial para reafirmar a posição de cada um na escala social. A consequência disso tudo, pôde-se observar na organização de associações e entidades públicas e particulares que passaram a promover condições para o desenvolvimento do turismo em nosso país a partir de meados dos anos 30 do século passado. Assim, hidrologia médica e cura termal determinaram grande parte dos equipamentos turísticos e do patrimônio cultural que hoje vemos relacionados às águas do nosso país.

Referências bibliográficas:

CAMINHOÁ, J.M. **Estudo das Águas Mineraes do Araxá**. Comparadas às congêneres de outras procedências. Curabilidade da tuberculose pulmonar pelas ditas águas – Usos industriaes das mesmas. J. M. Caminhoá. Rio de Janeiro: Typ. de Laemmert & C.1890.

CASTRO, Antonio Maria de Miranda. **Dissertação Inaugural sobre as Águas Mineraes Brasileiras**, e em particular as da cidade do Rio de Janeiro. These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e sustentada em 7 de dezembro de 1841. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1841.

CHABROL, Etienne. **L'Évolution du Thermo-Climatisme**. Paris. Masson et Cie. Editeurs, 1933.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

FARDEL, M. Durand. **Traité Pratique des Maladies des Viellards**. Deuxième édition. Paris: Librairie Germer Baillière, 1873.

FILHO, Licurgo Santos. **História da Medicina no Brasil do século XVI ao século XIX**. Coleção Grandes Estudos Brasileiros. Vol. III. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1947.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC/Rio. 2006.

LEMOS, Pedro Sanches de. **Notas de viagem** – Na Alemanha, Na Suíça e na França. São Paulo: Escola Typográfica Salesiana, 1902.

MAIA, Carlos da (pseud.). **Uma estação em Poços de Caldas**, crônicas publicadas n’O combate, de São Paulo, em fevereiro e março de 1925: Instituto D. Anna Rosa, 1925.

MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. **A cidade termal**: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em História na área de Política, Memória e Cidade pelo IFCH/Unicamp em 2009.

MONAT, H. **Caxambu**. Rio de Janeiro. Luiz Macedo, 1894

NÉGRIER, Paul. **Histoire du bain à travers les ages**. Paris: Arts Secrets, 2011.

PUPPO, J. de Aguiar. **Evolução do Termoclimatismo no Brasil**. Súmula histórica e suas perspectivas atuais. Boletim da Academia Nacional de Medicina. Ano 145. Vol.IV. Rio de Janeiro/RJ, 1974.

Revista Médica Fluminense. N° 9, dezembro de 1839, anno 5.

RIO, João do. **A correspondência de uma estação da cura**. São Paulo: IMS/Scipione, 1992.

ROUX, Lysanne. **Le voyage pour raison de santé dans la France des XVII et XVIII siècles**. Mémoire de Master 1 présenté à l’UPMF, Grenoble, 2008. Disponível em: http://dumas.ccsd.cnrs.fr/docs/00/29/22/11/PDF/Le_voyage_pour_raison_de_sante.pdf. Acesso em: maio 2012.

Jornais pesquisados:

Correio de Poços. Ano II. 26/07/1891.

Jornal Vida Social. Poços de Caldas. Edições de 1924 a 1927.

Reminiscências. Ramal de Caldas. Setembro de 1886. Coleção avulsa das Termas Antonio Carlos.

Folha da Manhã. 10 de março de 1931. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdm>

Folha da Manhã. 12 de abril de 1932. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdm>

Folha da Manhã. 16 de agosto de 1933. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdm>

Folha da Manhã. 22 de agosto de 1933. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdm>